

“O maior de todos, o romancista mais genuíno que já existiu.”

ANDRÉ GIDE

“Adoro ler Simenon. Ele me faz pensar em Tchékhov.”

WILLIAM FAULKNER

“Soberbo... O mais viciante dos escritores...

Um contador de histórias singular.”

THE OBSERVER

“Intenso, implacável, brilhante.”

JOHN GRAY

“Um dos maiores escritores do século XX...

Simenon era inigualável na capacidade de nos fazer olhar para dentro, embora sua habilidade fosse disfarçada pela maestria em nos manter obsessivamente absorvidos por suas histórias.”

THE GUARDIAN

“Um escritor supremo... Vivacidade inesquecível.”

THE INDEPENDENT

“Um escritor que, mais do que qualquer autor policial, combinava grande reputação literária com apelo popular.”

P. D. JAMES

“Um escritor maravilhoso... admiravelmente fluente – lúcido, simples, absolutamente afinado com o mundo que criava.”

MURIEL SPARK

“Seus romances são extraordinárias obras-primas do século XX.”

JOHN BANVILLE

GEORGES SIMENON

Os porões do Majestic

Tradução
Eduardo Brandão



Copyright © 1942 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tn
MAIGRET ® Georges Simenon Limited
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Les Caves du Majestic

Projeto gráfico
Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Huendel Viana
Nina Rizzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges
Os porões do Majestic / Georges Simenon ; tradução
Eduardo Brandão – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das
Letras, 2017.

Titulo original: *Les Caves du Majestic.*
ISBN 978-85-359-3006-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2.
Romance francês 1. Título.

17-08007

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa
843.0872

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

1. O pneu de Prosper Donge 7
2. Maigret pedala 20
3. Charlotte no Pélican 34
4. Gigi e o Carnaval 48
5. A cusparada no vidro 60
6. A carta de Charlotte 75
7. A noite dos “O que é que ele está dizendo?” 89
8. Quando Maigret adormece 102
9. O jornal do sr. Charles 118
10. O jantar no La Coupole 130
11. Noite de gala na PJ 141

1. O pneu de Prosper Donge

Uma porta que bate. Era sempre o primeiro ruído do dia. O motor que continuava funcionando, lá fora. Sem dúvida Charlotte apertava a mão do taxista. Depois o táxi se afastava. Passos. A chave na fechadura e o clique de um interruptor elétrico.

Um fósforo estalava na cozinha, e o fogão a gás, ao se acender, fazia um pffttt.

Charlotte subia lentamente a escada nova demais, como alguém que passou a noite de pé. Ela entrava no quarto sem fazer barulho. Novo interruptor. Uma lâmpada se acendia, com um lenço cor-de-rosa à guisa de cúpula de abajur e bolotas de madeira nas quatro pontas do lenço.

Prosper Donge não abria os olhos. Charlotte se desvia mirando-se no espelho do armário. Quando chegava à cinta e ao sutiã, suspirava. Era gordinha e rosada como um personagem de Rubens, mas tinha a mania de usar roupas apertadas. Então, uma vez nua, esfregava a carne onde havia marcas.

Charlotte tinha uma maneira desagradável de entrar na cama, pondo-se primeiro de joelhos no colchão, o que fazia o estrado se inclinar para um lado.

— Sua vez, Prosper!

Ele se levantava. Rapidamente, ela se aconchegava na concavidade quente que ele deixava atrás de si, as cobertas puxadas até os olhos, e não se mexia mais.

— Está chovendo? — ele perguntou, fazendo a água correr no banheiro.

Um vago grunhido. Aquilo não tinha importância. A água para se barbear estava gelada. Ouvia-se o ruído dos trens passando.

Prosper Donge se vestia. De vez em quando, Charlotte suspirava, porque não conseguia adormecer enquanto a luz estivesse acesa. No momento em que, a outra mão já na maçaneta da porta, ele estendia o braço direito para o interruptor, uma voz pastosa disse:

— Não se esqueça de ir pagar a prestação do rádio.

No fogão da cozinha, o café estava quente. Ele bebeu sem sentar. Depois, como os que fazem todos os dias os mesmos gestos na mesma hora, envolveu o pescoço com um cachecol de tricô, envergou o sobretudo, pôs o boné.

Por fim, empurrou para fora sua bicicleta, que estava no corredor.

Invariavelmente, a essa hora, um bafo úmido e frio o recebia, com os paralelepípedos molhados, apesar de não ter chovido; e as pessoas que dormiam detrás das persianas fechadas sem dúvida veriam apenas um dia ensolarado e morno.

A rua, margeada por pequenas casas e pequenos jardins, descia em ladeira íngreme. Às vezes, entre duas árvores, se entrevia, como no fundo de um abismo, as luzes de Paris.

Já não era noite. Ainda não era dia. O ar estava arroxeado. Algumas janelas se iluminavam, e Prosper Donge apertava os freios antes de chegar à passagem de nível que estava fechada e que ele atravessava pelas portinholas.

Depois da ponte de Saint-Cloud, virou à esquerda. Um rebo-

cador seguido por seu rosário de barcaças apitava raivosamente para pedir a clausa.

O Bois de Boulogne... Os lagos que refletiam um céu mais pálido, com cisnes que despertavam...

No momento em que chegava à Porte Dauphine, Donge sentiu de repente o chão mais duro sob as rodas. Percorreu mais uns metros, desceu da bicicleta e constatou que seu pneu traseiro estava furado.

Viu as horas em seu relógio. Eram dez para as seis. Pôs-se a andar depressa empurrando seu veículo, e havia um pequeno vapor diante dos seus lábios, enquanto o calor do esforço queimava seu peito por dentro.

Avenue Foch... Persianas fechadas em todos os palacetes. Sozinho, um oficial superior seguido por seu ordenançista trotava na alameda reservada aos cavalos...

Claridade além do Arco de Triunfo. Ele se apressa. Sentia calor de verdade.

Bem na esquina da Champs-Elysées, um guarda de pelerine, que estava ao lado do quiosque de jornais, lhe perguntou:

– Furou?

Ele fez que sim. Mais trezentos metros. O Hôtel Majestic, à esquerda, com todas as suas persianas fechadas. Os lampiões da rua quase não iluminavam mais.

Pegou a Rue de Berri, a Rue de Ponthieu. Um barzinho estava aberto. Duas casas adiante, uma porta que os passantes nunca percebiam, a entrada de serviço do Majestic.

Um homem saía por ela. Adivinhava-se que estava de terno sob seu capote cinza. Ia com a cabeça descoberta. Tinha cabelos fixados com gomalina e Prosper Donge supôs que era o dançarino Zebio.

Poderia ter dado uma olhada no bar e se certificado disso, mas essa ideia não lhe ocorreu. Sempre empurrando a bicicleta, penetrou no longo corredor cinzento onde uma só luz estava

acesa. Parou em frente ao relógio de ponto, girou a roda, introduziu a ficha em seu número, o 67, enquanto olhava para o relógio do aparelho, que marcava seis e dez. Um clique.

Estava estabelecido que ele entrara no Majestic às seis e dez da manhã, dez minutos mais tarde que nos outros dias.

Em todo caso, foram essas as declarações oficiais de Prosper Donge, chefe da cafeteria do hotel da Champs-Elysées.

Em seguida, ele afirmou que continuou a agir como nas outras manhãs.

A essa hora, os vastos subsolos de corredores complicados, com múltiplas portas, com paredes pintadas de cinza, como as coxias de um navio cargueiro, estavam desertos. Através das paredes envidraçadas, só se viam, aqui e ali, as fracas lâmpadas de filamentos amarelados que constituíam a iluminação noturna.

Tudo era envidraçado, a cozinha, à esquerda, a confeitaria. Em frente, o ambiente que chamavam de sala dos mensageiros, onde o pessoal de chefia e os domésticos particulares dos clientes, criadas de quarto e motoristas faziam refeições.

Mais além, o refeitório do pessoal subalterno, com suas compridas mesas de madeira e seus bancos que pareciam bancos escolares.

Finalmente, dominando o subsolo como a cabine de comando de um navio, um local envidraçado mais estreito, o do contador encarregado de anotar tudo o que saía da cozinha.

Prosper Donge teve a impressão de que alguém, quando ele abria a porta da cafeteria, subia pela escada estreita que levava aos andares, mas não deu atenção. Pelo menos é o que figuraria mais tarde no seu depoimento.

Como Charlotte havia feito ao entrar na casa deles, riscou um palito de fósforo e o gás fez pfftt na cafeteria menor, que

ele acendia primeiro para os raros clientes que levantavam cedo.

Somente depois de ter feito isso ia para o vestiário. Era um cômodo bem vasto, em um dos corredores. Tinha várias pias, um espelho acinzentado e, ao longo das paredes, armários metálicos, altos e estreitos, cada qual com um número.

Com sua chave, abriu o armário 67. Tirou o sobretudo, o cachecol, o boné. Trocou de sapato porque, para trabalhar, preferia sapatos com elástico, mais macios. Vestiu um jaleco branco.

Mais alguns minutos... Às seis e meia, o subsolo começava a viver.

Em cima, tudo dormia, menos o zelador da noite, que, no saguão deserto, aguardava a hora de ser substituído.

A cafeteira apitou. Donge encheu uma xícara de café, subiu a escada que parecia uma escada misteriosa de teatro, das que ficam nos bastidores e desembocam nos lugares mais inesperados.

Ao empurrar uma porta estreita, encontrou-se no vestiário do saguão e ninguém teria adivinhado essa porta, coberta por um grande espelho.

– Café! – anunciou, pondo a xícara no balcão do vestiário.
– Tudo bem?

– Tudo bem – grunhiu o zelador da noite, aproximando-se. Donge desceu de volta. As três mulheres, as Três Gordas, como as chamavam, tinham chegado. Eram mulheres do povo, as três feias, uma delas velha e rabugenta. Elas já entrechocavam, na pia, xícaras e pires.

Quanto a Donge, fez os gestos de todos os dias, arrumou por ordem de tamanho as cafeteiras de prata de uma xícara, duas xícaras, três xícaras... Depois os bules de leite, de chá...

Viu, no recinto envidraçado do contador, Jean Ramuel, que estava despenteado.

– Ah! Ele dormiu aqui de novo – observou.

Já fazia três ou quatro noites que o contador Ramuel dormia no hotel, em vez de ir para casa, para os lados de Montparnasse.

Em princípio, era proibido. Bem no fundo do corredor, perto da porta que ocultava a escada do segundo subsolo, onde ficavam os vinhos, havia um cômodo com três ou quatro camas. Mas, teoricamente, eram reservados aos funcionários que necessitavam de um instante de repouso entre dois horários de pico.

Donge dirigiu um bom-dia com a mão a Ramuel, que respondeu com um gesto igualmente vago.

Depois, foi a vez do chefe de cozinha, enorme, sério, que voltava do mercado com um caminhão que parou na Rue de Ponthieu e que os ajudantes descarregaram.

Às sete e meia, trinta pessoas pelo menos se agitavam nos subsolos do Majestic, e começava-se a ouvir as campainhas, os elevadores de cozinhas, chamados monta-pratos, que desciam, paravam, tornavam a subir com as bandejas, enquanto Ramuel punha as fichas brancas, azuis e rosa nas pontas de ferro alinhadas em sua escrivaninha.

Nessa hora, o zelador do dia, de uniforme azul-claro, se apossava do saguão, e o encarregado da correspondência, em sua cabine, fazia a triagem do correio. Devia fazer sol na Champs-Elysées, mas, no subsolo, só se tinha consciência da passagem dos ônibus, que faziam as paredes vibrar.

Às nove e pouco – às nove e quatro, exatamente, como foi possível estabelecer –, Prosper Donge saiu da cafeteria e entrou alguns segundos depois no vestiário.

– Eu tinha esquecido o lenço no sobretudo! – declarou no interrogatório.

Em todo caso, ele ficou sozinho no local dos cem armários metálicos. Terá aberto o seu? Ninguém foi testemunha disso. Terá pegado seu lenço? É possível.

Não havia cem, mas exatamente 92 armários, todos numerados. Os cinco últimos estavam vazios.

Por que Prosper Donge teve a ideia de abrir o armário 89, que, sem titular, não estava fechado à chave?

— Mecanicamente — afirmou. — A porta estava entreaberta.

Não pensei...

Ora, nesse armário havia um corpo que devem ter enfiado ali de pé e que tinha se arriado. Era de uma mulher de cerca de trinta anos, bem loura — um louro artificial, seja dito — trajando um vestido de fina lã preta.

Donge não gritou. Muito pálido, aproximou-se da sala envolta por uma rede de fios de ferro, inclinou-se para falar através do guichê.

— Venha ver.

O contador o seguiu.

— Fique aqui. Não deixe ninguém se aproximar.

Ramuel correu para a escada, saiu no vestiário do saguão, avisou o zelador, que conversava com um chofer.

— O diretor já chegou?

O zelador designou, com o queixo, o escritório da direção.

Maigret, diante da porta giratória, esteve a ponto de bater o cachimbo no taco do sapato para esvaziá-lo. Depois deu de ombros e o pôs de volta entre os dentes. Era a primeira cachimbada da manhã, a melhor.

— O diretor o aguarda, senhor comissário.

O saguão ainda não estava muito animado. Havia somente um inglês falando com o encarregado da correspondência e uma menina que passeava suas compridas pernas de gafanhoto, trazendo uma caixa de chapéu que sem dúvida vinha enviar.

Maigret entrou na sala do diretor, que lhe apertou a mão sem dizer nada e indicou uma poltrona. Uma cortina verde velava a

porta envidraçada, mas bastava puxá-la ligeiramente para ver tudo o que acontecia no saguão.

— Charuto?

— Não, obrigado.

Eles se conheciam fazia tempo. Não precisavam de muitas palavras. O diretor vestia uma calça listada, um paletó preto bordado, uma gravata que parecia cortada num material rígido.

— Olhe aqui...

E empurrou para seu interlocutor uma ficha do hotel.

Oswald J. Clark, industrial de Detroit, Michigan (EUA). Proveniente de Detroit.

Chegada: 12 de fevereiro.

Acompanhado de: Mrs. Clark, sua esposa; Teddy Clark, 7 anos, seu filho; Ellen Darroman, 24 anos, professora; Gertrud Borms, 42 anos, camareira.

Apartamento 103.

Telefonemas. O diretor atendeu, impaciente. Maigret dobrou a ficha em quatro e meteu-a na carteira.

— Qual delas?

— Mrs. Clark.

— Ah!

— O médico do hotel, a quem telefonei logo após alertar a Polícia Judiciária, e que mora na Rue de Berri, aqui ao lado, está lá embaixo. Ele afirma que Mrs. Clark foi estrangulada entre seis e seis e meia da manhã.

O diretor estava abatido. Nem era preciso dizer a um homem como Maigret que aquilo era uma catástrofe para o hotel e que, se houvesse uma possibilidade de abafar o caso...

— Então faz oito dias que a família Clark chegou — murmurou o comissário. — De que tipo é?

— Gente distinta. Muito distinta. Ele é um americano grande, sólido e frio, de uns quarenta anos, talvez quarenta e cinco. Sua mulher, coitada, deve ser de origem francesa. Vinte e oito, vinte e nove anos... Eu a vi muito pouco. A professora é bonita. A camareira, que serve de governanta da criança, bem insignificante, um tanto grosseira... Ah, eu ia esquecendo de assinalar... Clark partiu ontem de manhã para Roma.

— Sozinho?

— Pelo que entendi, está na Europa a negócios. Tem uma fábrica de rolamentos. Deve visitar as grandes capitais e, enquanto isso, decidiu deixar a mulher, seu filho e seu pessoal em Paris.

— Que trem?

O diretor pegou o telefone.

— Alô, zelador? Que trem Mr. Clark pegou ontem?... O 103... O senhor mandou levar a bagagem dele à estação?... Só levou uma sacola de viagem?... Um táxi?... O táxi de Désiré?... Obrigado.

“Entendeu, comissário? Ele partiu ontem às onze da manhã de táxi, o táxi de Désiré, que faz ponto quase sempre em frente ao hotel. Só levava uma sacola de viagem.”

— Posso telefonar?... Alô! A Polícia Judiciária, por favor, senhorita... É da PJ?... Lucas?... Vá até a Gare de Lyon. Informe-se dos trens para Roma desde ontem às onze da manhã.

Continuava dando instruções enquanto seu cachimbo se apagava.

— Diga a Torrence para encontrar o táxi de Désiré... É... Que faz ponto em frente ao Majestic. Saber aonde levou um cliente, um americano grande, magro, que o pegou ontem no hotel... Entendido...

Procurou um cinzeiro para esvaziar o cachimbo. O diretor lhe ofereceu um.

— Não quer mesmo um charuto?... A governanta está arrasa-

da. Achei que devia avisá-la. Quanto à professora, não dormiu esta noite no hotel.

— Em que andar, o apartamento?

— Segundo, com vista para a Champs-Elysées. O quarto de Mr. Clark, separado por uma sala do da sua mulher. Depois o quarto do menino, o da governanta e, por fim, o da professora. Eles é que exigiram ficar juntos.

— O zelador da noite não está mais aqui?

— Sei que podemos lhe telefonar, porque precisamos dele outro dia. Sua mulher é zeladora de um prédio novo em Neuilly... Alô!... Ligue para...

Cinco minutos depois, ficava-se sabendo que Mrs. Clark tinha ido sozinha ao teatro, na véspera, e que havia voltado à meia-noite e alguns minutos. A governanta não tinha saído. Quanto à professora, não havia jantado no hotel e não retornara de noite.

— Que tal ir até embaixo? — suspirou Maigret.

O saguão tivera tempo de se animar, mas ninguém suspeitava do drama que havia se desenrolado quando todo mundo dormia.

— Vamos passar por aqui. Queira me seguir, senhor comissário.

No mesmo instante o diretor franziu o cenho. A porta giratória funcionava. Uma mulher jovem de tailleur cinzento entrava ao mesmo tempo que um raio de sol e perguntava em inglês ao passar pelo encarregado da correspondência:

— Nada para mim?

— É ela, senhor comissário, Miss Ellen Darroman.

Meias de seda finas e bem esticadas. O ar correto de alguém que acaba de se arrumar cuidadosamente. Não havia sinal de cansaço em seu rosto, mas sim, pelo contrário, marcas rosadas provocadas pelo ar frio de uma bela manhã de fevereiro.

— Quer falar com ela?

— Ainda não. Espere um instante.

E Maigret se dirigiu a um inspetor que havia trazido consigo e que se mantinha num canto do saguão.

— Não perca aquela senhorita de vista. Se ela entrar em seu apartamento, fique em frente à porta.

Vestiário. O grande espelho girou sobre os gonzos. O comissário e o diretor se viram na escada estreita. Com isso, era o fim dos dourados, das plantas viçosas e da agitação elegante. Um cheiro de cozinha subia.

— Esta escada serve a todos os andares?

— Há duas como esta. Vão do segundo subsolo às mansardas. Mas é preciso conhecer o hotel para utilizá-las. Nos andares, por exemplo, tem uma portinha como as outras, sem número, e nunca passaria pela cabeça de um viajante...

Eram quase onze horas. Não eram mais cinquenta, e sim, talvez, cento e cinquenta pessoas que fervilhavam no subsolo, umas de chapéu branco de cozinheiro, outras de traje de mãe, de avental de adegueiro, e as mulheres, como as Três Gordas de Prosper Donge, que faziam o trabalho pesado.

— Por aqui. Cuidado para não se sujar e para não escorregar. Os corredores são estreitos.

Através das paredes envidraçadas, todos observavam o diretor e, sobretudo, o comissário. Jean Ramuel pegava as fichas que lhe entregavam de passagem, e controlava com uma olhada o conteúdo das bandejas.

O que chocava era a silhueta inesperada de um agente de polícia que se mantinha a postos diante do vestiário. O médico, um médico bem novinho, avisado sobre a chegada de Maigret, fumava um cigarro enquanto esperava.

— Feche a porta.

O corpo estava ali, no chão, no meio de todos os armários metálicos. O doutor, sempre fumando, murmurava:

— Devem tê-la pegado por trás. Ela não se debateu por muito tempo.

— E não arrastaram o corpo pelo chão! — acrescentou Maigret examinando as roupas pretas da morta. — Não há sinal de poeira... Ou o crime foi cometido aqui, ou ela foi transportada, provavelmente por duas pessoas, porque seria difícil, neste labirinto de corredores estreitos...

No armário em que a tinham descoberto, havia uma bolsa de crocodilo. O comissário abriu-a, tirou dela um revólver automático que enfiou no bolso depois de verificar a segurança. Nada mais na bolsa, a não ser um lenço, uma caixa de pó de arroz e algumas notas que não perfaziam nem mil francos.

Atrás deles, a colmeia zumbia. Os monta-pratos não param de funcionar, campainhas tocavam sem cessar e, do lado de lá da parede de vidro da cozinha, via-se o pessoal manejar pesadas panelas de cobre, pôr frangos no espeto às dúzias.

— Tem que deixar tudo no lugar para a diligência da Procuradoria — anunciou Maigret. — Quem foi que descobriu?

Apontaram-lhe Prosper Donge, que limpava uma cafeteira. Era um homem grande, ruivo, desse ruivo que chamam de cennoura. Podia ter entre quarenta e cinco e quarenta e oito anos. Tinha olhos azul-escuros e o rosto crivado pela varíola.

— Faz tempo que trabalha aqui?

— Cinco anos. Antes, era do Miramar, em Cannes.

— Sério?

— Mais sério, impossível.

Um vidro separava Donge do comissário. Através desse vidro, seus olhares se encontraram. E um fluxo de sangue subiu até as bochechas do chefe da cafeteria, que, como todos os ruivos, tinha a pele fina.

— Com licença, senhor diretor. Estão chamando o comissário Maigret no telefone.

Era Jean Ramuel, o contador, que acabava de sair da sua sala.

— Se quiser receber a ligação aqui...

Mensagem da PJ. Só houve, desde a véspera às onze, dois rápidos para Roma. Oswald J. Clark não havia pegado nem um nem outro. Quanto ao taxista Désiré, que haviam conseguido contatar num bar de que era um dos frequentadores, ele afirmava ter levado seu cliente da véspera ao Hôtel Aiglon. No Boulevard Montparnasse.

Vozes, na escada, entre elas a voz aguda de uma mulher jovem protestando em inglês contra um camareiro que tentava lhe barrar a passagem.

Era a professora, Ellen Darroman, que avançava com determinação.